



UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS
ESCOLA DE EDUCAÇÃO
DEPARTAMENTO DE DIDÁTICA

MARGARIDA MARIA LEAL DE SANTANA

Rio de Janeiro

2013

Margarida Maria Leal de Santana

Monografia apresentada como requisito parcial para obtenção da graduação em Pedagogia com Habilitação em Educação Infantil Escola de Educação da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, sob a orientação do Prof. Dr. Alberto Roiphe.

Rio de Janeiro, 09/ 12/ 2013.

“Peça a Deus que abençoe os seus planos e eles darão certo”.
Provérbios 16,3

Rio de Janeiro
Dezembro de 2013

UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS
ESCOLA DE EDUCAÇÃO
DEPARTAMENTO DE DIDÁTICA

A importância da Literatura Infantil no desenvolvimento do leitor
Uma experiência com livros-briquedos

Margarida Maria Leal de Santana

Aprovada em _____/_____/_____.

Prof. Dr. Alberto Roiphe

Prof. Dr^a. Marcela Fernandez

AGRADECIMENTOS

Ao meu Deus, o autor da minha vida!

Aos meus pais (in memórian) que sempre me ensinaram bons princípios como, perseverança, honestidade, respeito e amor ao próximo.

A todas às pessoas que direta ou indiretamente colaboraram comigo, pois cada uma, acrescentou de seu modo, algo importante para a minha vida. Meu muito obrigado a minha família, amigos, professores e colegas, que de alguma maneira participaram desse momento que vai ficar gravado para sempre em meu coração! Em especial, a minha querida irmã e amiga, Judite pelo carinho e apoio durante os meus momentos de ansiedade e incerteza no decorrer destes anos de estudos.

Ao meu orientador, Prof. Dr. Alberto Roiphe pela paciência, responsabilidade e comprometimento durante as orientações. Mesmo estando distante neste momento continuou me ajudando em tudo que foi possível.

A Prof. Dr^a. Marcela Fernandez pelo carinho e gentileza com que aceitou ser o segundo leitor.

Aos meus irmãos e Cristo Jesus pelas orações e apoio nos momentos que demonstrei fraqueza.

À minha querida amiga e companheira de todos os momentos, Dayse Edwigens obrigada por você existir em minha vida, que Deus conserve sempre assim, essa pessoa com um coração maravilhoso e solidário, me sinto feliz em ser sua amiga!

.

Às adoráveis crianças do CMSJB, pela oportunidade que tive de junto com eles viver experiências tão significativas para minha formação, agradeço a Deus por conhecê-las! Amo á todos.

SUMÁRIO

Introdução.....	6
1-1 Como surgiu a literatura.....	7
1-2 A chegada da literatura no Brasil.....	8
1-3 A formação do leitor.....	9
1-4 O Papel da família na formação dos leitores.....	10
1-5 O papel da escola na formação dos leitores.....	12
1-6 Recursos que podem contribuir no desenvolvimento do Pré -leitor	16
2 – Literatura Infantil e Escola: Relatos de uma observação.....	18
Conclusão.....	.22
Referencias Bibliográficas.....	,,23

Introdução

O presente trabalho tem por finalidade discutir a importância da literatura na educação infantil, levando em consideração as possibilidades que os diversos modelos literários possuem para contribuir na formação e no desenvolvimento da criança em todos os aspectos: cognitivo, perceptivo, cultural e social. Dentro dessa perspectiva destaco o “livro só imagem” e o “livro-brinquedo” como diferentes estratégias de aproximação da criança com a aprendizagem significativa. A idéia de falar sobre esse assunto surgiu a partir de uma experiência com uma turma de Maternal II na Escola Marista São Jose-Barra na qual eu tive o privilégio de acompanhar como professor II durante todo ano de 2013.

Esse tema tem sido abordado por alguns teóricos, entre esses está Góis 2003, que afirma, “Assim, diversos tipos de leitura projeta-se do texto para a vida, fazendo do leitor sujeito de sua própria história” (...). Portanto durante o desenvolvimento desse trabalho irei citar alguns autores que servirão como base para essa discussão. Algumas pesquisas foram feitas em livros que tratam dessa temática, sendo outras, em textos colhidos na internet. . O que nos impulsiona nesse presente estudo é o sentido da literatura infantil que acredito ser um caminho no qual se apresentam conceitos de linguagem que se relacionam com as diferentes dimensões sociais, e assim, torna-se uma ponte entre a criança e os diversos tipos de leitura desde cedo. Segundo essa citação percebe-se que:

Para que o convívio do leitor com a literatura resulte afetivo, nessa aventura espiritual que é a leitura, muitos são os fatores em jogo. Entre os mais importantes está à necessária adequação dos textos e às diversas etapas do desenvolvimento infantil. (COELHO, 2000, p.32).

A metodologia utilizada será um estudo exploratório descritivo por meio de uma pesquisa bibliográfica, realizada a partir da leitura de livros, artigos e ensaios.

Capítulo 1

1-1 Como surgiu a literatura

Na Antiguidade e na Idade Média eram comum que as histórias apresentassem traços agressivos, pois reproduziam a dificuldade de relacionamento entre os povos devido à luta pelo poder. Já a Idade Moderna os traços de agressividades e os longos conflitos de ordem religiosa foram desaparecendo, devido a novas mudanças sociais. As primeiras produções de literatura infantil ocorreram na Europa no século XVII representando funções sociais distintas que apresentam um ensinamento moral para ser seguido por quem as lesse. Charles Perrault é um dos responsáveis pelo grande avalanche de literatura infantil que incorporaria textos de La Fontaine e Fenelón e também um gosto inédito pelo chamado “contos de fadas”, que se tornou o principal vínculo de leitura infantil.

1-2 A chegada da literatura no Brasil

A literatura infantil no Brasil é determinada por diferentes grupos étnicos que deram origem à nação. Os contos e fábulas eram transmitidos a esses povos que serviriam para a inspiração de muitos atores. Com a industrialização no século XVIII, houve diversas transformações, dentre elas a valorização da família e distribuição de funções distintas para os membros da sociedade. As crianças passam a ter um novo papel na sociedade e destaque na vida social. Com isso os profissionais da área de ciências começam a se interessar em estudar o processo de desenvolvimento da criança.

Surge a literatura infantil junto com o aparecimento da escola e ao aparecimento de um novo conceito de infância. Segundo Magnani (1989): Desde que começou a se tornar um gênero a parte, essa literatura teve especulada função pedagógica à autoridade de um adulto, seja na família, seja na escola, e tanto no que diz respeito à produção e difusão como à escolha e utilização dessas leituras (p.48).

A aproximação entre literatura infantil e educação passou a ser descrita por pedagogos e educadores, com um forte intuito educativo. Isso ocorreu devido às modificações no século XVIII, marcando e solidificando a organização atual da escola e o gênero literário infanto-juvenil. Segundo Lajolo e Zilberman (1999):

(...) A educação é um meio de ascensão social, e a literatura, um instrumento de difusão e seus valores, tais como a importância da alfabetização, da literatura e do conhecimento e a ênfase no individualismo, no comportamento moralmente aceitável e no esforço pessoal. (p. 76).

Os primeiros livros escritos para crianças e publicados por brasileiros, aparecem no final do século XIX. O Brasil estava mudando de regime político da República reinado há quase 50 anos por D. Pedro II. Este, porém, não respondia mais aos anseios da população e acabou sendo deposto, instaurando a monarquia. O país conseguira independência e preferira o sistema monárquico, que adquirira grande influência na Europa.

Nessa época, a literatura e pedagogia caminharam juntas, pois queriam reformulações educacionais, já que o país ainda sofria consequências do ensino jesuítico. Porém, não ocorreu nenhuma mudança e os modelos estrangeiros de ensino continuaram como um referencial para a educação brasileira que contribuía para precariedade de ensino. O modelo era muito avançado em relação ao nível de educação do nosso país. O país estava progredindo, a população aumentando e as variedades culturais e étnicas se exprimindo. A grande diferença deste período foi a ascensão de uma classe média urbana que estava disposta a reivindicar seus direitos e vê-los sendo atendidos. Dentre eles, esta classe gostaria de novas oportunidades para a educação. Para Zilberman (2005)

Essa classe média responsabiliza-se doravante pelas mudanças ocorridas no país, e em nome dela revoluções, avanços e retrocessos acontecem. O aparecimento dos primeiros livros para crianças incorpora-se a este processo, porque atende as solicitações indiretamente formuladas pelo grupo social emergente. (p.15). Uma das exigências desse grupo em relação à educação era que a escola e a literatura infantil possuíssem uma ligação e que ambos caminhassem juntos:

(...) a educação é um meio de ascensão social, e a literatura, um instrumento de difusão de seus valores, tais como a importância da alfabetização, da leitura e do conhecimento (configurando o pedagogismo que marca o gênero) e a ênfase no individualismo, no comportamento moralmente aceitável e no esforço pessoal. (Lajolo e Zilberman, 1999: 76).

Assim, um novo mercado começa a solicitar escritores para atender essa demanda dos livros infantis. Entretanto, a maior dificuldade era o fato de escritores não possuírem

uma tradição para dar continuidade, pois até então ainda não se escrevia livros para crianças no Brasil. O jeito foi recorrer às seguintes saídas: Traduzir obras estrangeiras; adaptar para os pequenos leitores obras destinadas originalmente aos adultos; revisar material escolar, confiando em que as crianças gostariam de encontrar nos livros histórias parecidas aquelas que mães, amas-de-leite, escravas e ex-escravas contavam em voz alta, desde quando elas eram bem pequenas. (Zilberman, 2005:16).

A Europa que inspirava a mudança no regime político oferecia também modelos utilizados para se escrever para crianças. Muitas obras foram adaptadas para o público infantil. As principais delas foram as histórias conhecidas até hoje como contos de fadas. Os candidatos brasileiros a escritores para crianças não fugiram a essa regra. Fazendo assim, porém, eles viraram o feitiço contra o feiticeiro: Repetindo o que ocorrera na Europa, acabaram inventando a literatura infantil brasileira, abrindo caminho para um percurso que, como já se observou conta mais de cem anos. (*Idem*, p.17).

1-3 A formação do leitor

Ler é um ato de estabelecer cada vez mais relações com os objetos, já que ler significará para sempre o ato de compreender, estabelecer relações individuais com cada objeto ou ser que nomeia, ampliando-as mais tarde. (Vargas, 1993:5). Quanto maior o número de relações estabelecidas com a leitura maior o conhecimento e, por isso, maior riqueza lhe oferecerá o objeto de leitura. É o estabelecimento da relação com a leitura que une a linguagem à realidade, ficando mais perceptível o universo das palavras com o contexto a que se referem.

Através da leitura de um texto tudo fica mais real, cada detalhe, cada palavra lida, passam a fazer parte do nosso contexto, ficando tudo mais concreto. Como se estivéssemos fazendo parte daquele momento, inclusos naquela história. Para Vargas (1993): Fruir texto significará descobrir a vida enredada em suas malhas. Significa perceber a realidade de forma mais palpável através da impalpável trama da linguagem. E palavras, signos, formas.

Para ser um leitor é preciso uma compreensão do texto em relação à realidade, havendo uma percepção crítica, adquirindo cada vez mais conhecimento. Uma vez que para Vargas (1993) “a leitura é fonte de conhecimento e de domínio real, ajudando a perceber o prazer que existe na decodificação aprofundada do texto”. (p. 8) A aquisição do senso crítico e do vocabulário são importantes, mas para Vargas há um terceiro

atributo sem o qual toda a leitura fica sem sentido, a criação. Diz ele: “só quando leio o texto literário e este me estimula a escrever ou criar a partir dele, é que o círculo se fecha”. (*Idem, Ibidem, p.17*).

1-4 O papel da família na formação dos leitores

Durkin (1996) que foi uma das primeiras pesquisadoras a analisar a importância dos pais e da família na vida letrada de seus filhos e em seus estudos, diz que muitas das crianças que iniciavam a pré-escola e, que nessa fase já sabiam ler, os pais tinham lhes proporcionado atividades relacionadas ao letramento. Assim, a exposição da criança à leitura de livros no período da pré-escola, contribuiu para uma maior facilidade em acompanhar o ensino proposto pela escola, resultando em melhor desempenho nas atividades escolares. A exposição da criança à leitura, a quantidade de material disponível, contribuem para o seu desenvolvimento escolar. Por isso, para Terzi. (2006):

A interação promovida pelos adultos com a criança não é o foco de análise, a aprendizagem se dá, pura e simplesmente, através da participação da criança em eventos de letramento, independente das características destes e das características individuais da criança. (p.44)

Terzi relata em sua pesquisa a história de leitura de algumas crianças provenientes de meios não letrados. A autora trabalha com três crianças moradoras de uma favela, que cursavam a segunda série do Ensino Fundamental (atualmente chamada de terceiro ano) de uma escola estadual. Trabalhou-se com essas crianças durante nove meses. .

As três crianças possuíam pais pedreiros e mães domésticas. Uma das crianças, com nove anos, que não havia frequentado creches, entrou pela primeira vez em uma escola cursando o antigo C.A (atual primeiro ano) e foi reprovado. O menino não sabia informar se seus pais eram alfabetizados ou não, fato que nos faz acreditar que provavelmente havia pouca interação entre adulto e criança. Não havia questionamento e nem o interesse dos pais e do filho pela leitura. Para Ziraldo (*apud* Dauster e Garcia, 2000), “ler para o filho desde cedo, no berço, vai ajudar muito a criança descobrir o prazer pela leitura” (p.165).

Segundo os relatos de Terzi (2006) foi na escola que a criança descrita acima teve o primeiro contato com os livros, entretanto, a leitura na escola se reduzia aquela

produzida em voz alta, o espaço para a produção de texto só era feito por meio de cópias do texto lido oralmente e as correções dos exercícios eram feitas na mesa da professora. Em relação à correção dos exercícios, a professora possuía a seguinte prática: cada criança escreve uma resposta e quando há erro, outra criança é chamada até que a resposta correta seja apresentada.

Já Galvão (*apud* Ribeiro, 2003) conta a trajetória de uma menina chamada Fabiana, que fazia as lições do lado da mãe na cozinha, onde esta pedia para sua filha ler em voz alta as tarefas da escola. Até hoje Fabiana diz que prefere ler em voz alta, pois diz compreender melhor o que está sendo lido. Além disso, sua mãe olhava o seu caderno diariamente, observava se estava limpo, se a letra estava “bonita”, e se estava fazendo com capricho a sua lição. Entretanto, é importante ressaltar que a mãe de Fabiana era analfabeta, não sabia ler nem escrever. Pois mesmo não compreendendo o significado do texto, ela sabia o quanto o estudo é importante e o quanto este representava na vida de Fabiana, então tentava ajudar da maneira que podia.

A mãe de Fabiana também achava muito importante a leitura de livros e, por isso, levava sua filha diariamente a bancas de jornal e livrarias, para que escolhesse as publicações de sua preferência, na maioria eram histórias em quadrinhos e contos de fadas. Para Galvão (*apud* Ribeiro, 2003), quanto mais cedo à criança começa a ter contato com os diversos e variados materiais de leitura, sem seus contextos e usos, mais provavelmente se tornará um adulto capaz também de utilizar a leitura e a escrita em seu dia-a-dia.

Doake (1986), em seus estudos sobre leitores, constata que um dos fatores que contribuem para o desenvolvimento de leitores precoces, é que a maioria das famílias dessas crianças, insere de forma intensiva a leitura e a escrita desde muito cedo dentro de casa. Um ambiente familiar, como este citado por Doake, favorece a criança em um maior sucesso no desenvolvimento da leitura e nas primeiras séries escolares, o que resulta em maior sucesso.

Recordando Terzi (2006) sabemos que: A exposição constante da criança a leitura de livros infantis expande seu conhecimento sobre histórias em si, sobre tópicos de histórias, estrutura textual e sobre escrita. Ouvir e discutir textos com adultos letrados pode ajudar a criança a estabelecer conexões entre linguagem oral e as estruturas do texto escrito, a facilitar o processo de aprendizagem oral e as estruturas do texto escrito, a facilitar o processo de aprendizagem de decodificação da palavra escrita e a resumir a história e fazer interferências”. (TERZY, 2006, p.43).

1-5 O papel da escola na formação dos leitores.

Nós adultos, muitas vezes, não nos damos conta de que o ato de ler é muito complexo, já que o fazemos automaticamente. Por isso, cabe aos adultos e, principalmente, aos professores e a instituição de ensino, perceberem tal complexidade e entender de fato como a criança encara este ato e o mundo da leitura. Para Cagliari (1994), “as crianças precisam de um tempo de decifração, que varia de acordo com cada uma.” (p.159). Por isso, algumas escolas cometem um erro quando exigem que as crianças aprendam a ler de imediato e de uma forma habilidosa, ou quando exige que esta aprenda a ler em um prazo relativamente curto e principalmente quando a criança é obrigada a fazer uma avaliação.

Devido a todas essas exigências e cobranças, a criança que ainda não possui maturidade para tal, acaba por desenvolver diversos tipos de reações e principalmente traumas, atrapalhando ainda mais o seu processo de alfabetização. Ainda a esse respeito também encontramos em Villardi (1997) a seguinte afirmação: O desenvolvimento das aptidões específicas de leitura, enquanto fator capaz de determinar alterações substanciais no desempenho do aluno deve ser tomado como meta a ser alcançada, sejam quais forem às condições de trabalho com que o professor se veja obrigado a conviver. (Villardi, 1997:108).

As escolas exigem que as crianças leiam livros e que estudem diversos tipos de textos e conteúdos obrigatórios nesse contexto, apenas para serem avaliadas, desestimulando o gosto das crianças pela leitura. Abramovich (1994) nos lembra que:

(...) leitura é paixão, é entrega, tem que ser feita com tesão, com ímpeto, com garra. De quem lê de quem indica. Com trocas saboreadas e não com perguntas fechadas sem espaço para opinião própria, pensada, sentida, vivida. Senão, é só obrigação. E aí como tudo o mais na vida, não vale a pena. (Abramovich *apud* Prado e Conдини, 1999: 64).

Assim, a obrigatoriedade da leitura na escola e, por vezes, a escolha imprópria para a idade e maturidade da criança, agem como um instrumento que influencia o aluno a rejeitar o hábito da leitura. Fazendo com que a criança perca o desejo, o gosto e a satisfação pela leitura precocemente. Segundo Villardi (1998), “o aluno brasileiro não gosta de ler, ou melhor, não gosta de ler o que a escola manda.” (p.14) .

Assim, a escola que tem por responsabilidade formar bons leitores capazes de desenvolver o hábito pela leitura, acaba fazendo o contrário. A instituição impõe que crianças leiam livros que ainda não estão ao seu alcance e que ainda não possuem idade e maturidade adequada interpretar para diversos livros. Entretanto, falar sobre o modo interpretar um livro é muito complexo, pois cada pessoa tem uma forma de interpretação diferente, sendo impossível haver uma única resposta.

Para que as crianças tenham o gosto pela leitura e se tornem bons leitores, os textos inicialmente devem ser simples que atendam seus horizontes e expectativas, já que para estas um texto longo e difícil não faria muito sentido. Após essa etapa, com o seu aperfeiçoamento devem ser incluídos textos mais ricos que possam ajudar no seu crescimento e que possam compartilhar com outras crianças. Já que, de acordo com Silva (2011): a leitura é um ato construído socialmente, que se desencadeia e se amplia no convívio com outros e com o mundo. A leitura de mundo se faz de acordo com as experiências sociais do sujeito leitor. (Silva, p.3)

A instituição de ensino é responsável pela a formação do leitor, porém ela fracassa principalmente a partir da alfabetização. Antes de chegar nessa fase, às crianças têm o interesse de descobrir o mundo letrado e compartilham esse desejo com os pais, professores e colegas de forma coletiva. Mas para Silva, ao ingressar na escola, ao ser alfabetizado e adquirir uma autonomia para a leitura, a sua prática se torna solidária, muitas vezes com objetivos específicos de avaliação. A leitura na escola deve ser conduzida pelo lúdico, pelo prazer da descoberta e, às vezes, pela emoção. (Idem, Ibidem, p.4)

A prática pedagógica de docentes alfabetizadores e docentes de disciplinas específicas, muitas vezes, são contestadas já que estes não estão preocupados com o processo prazeroso pela leitura. Assim, para Silva (2011), esses fatores fazem com que “o leitor se distancie cada vez mais o ato de ler, cujo objetivo principal deveria ser a interpretação que parte da experiência de vida de cada um”. (p.4) Além disso, deve ser respeitada a pluralidade de leituras e as interpretações, já que, segundo a autora, cada leitura é inédita.

Cada leitor, no momento da leitura acionará uma série de unidades significativas para a eficácia desta; seu horizonte de expectativas que tem relação com a sua formação familiar e escolar, enfim sua formação social, seu nível de maturidade, sua relação com os meios de comunicação, com livros. É muito comum encontrarmos em instituições de

ensino, alunos que são bons em um tipo de texto e não se saem bem em outro completamente diferente.

Por isso, é necessário que toda leitura atenda principalmente aos interesses dos alunos e não somente aos interesses didáticos. Silva (2011) nos alerta dizendo: a leitura na escola, geralmente, é realizada para atingir fins específicos como ler para adquirir conhecimento, ler para buscar respostas, algum questionamento, e, obter informações exatas, ler por prazer, para alimentar a imaginação. E não há como fugir desses objetivos específicos, a vida exige que se leia a todo o momento.

Por muito tempo os professores foram somente os culpados por problemas relacionados à leitura. Há de se reconhecer que os professores são, antes de tudo, leitores e têm a função de transmitir, aos seus alunos, a função social da escrita e da leitura. Portanto, a responsabilidade não é somente do professor, como nos alerta Silva (2011):

Todos os professores são capazes de trabalhar leitura em sala de aula, aliás, todo professor antes de tudo é um leitor, assim deve ser capaz de trabalhar a leitura e buscar a solidariedade com os castigados professores de Língua Portuguesa, os quais em grande parte das escolas são massacrados como culpados pelos problemas relacionados à leitura ou a quaisquer inabilidades do sujeito leitor na escola (Silva, 2011:5).

Kleiman e Moraes (2003) complementam dizendo: (...) deixar a responsabilidade do ensino de leitura ao professores de língua Portuguesa equivale negar o valor social da leitura. (Kleiman e Moras, 2003:127) Assim, os professores não são os únicos responsáveis pelo ensino da leitura, já que é a instituição de ensino que decide quais conteúdos devem ser abordados e modo como deve ser passados e cobrados.

Por isso, escolha da instituição de ensino adequada para matricular as crianças, é muito importante, pois há muitas escolas que não estão preocupadas com a formação social de cada criança e muito menos interessados na construção prazerosa da leitura e da escrita. Essas instituições estão focadas apenas no vestibular onde preparam crianças desde pequenas para passarem no vestibular para colocarem o nome da escola no jornal e na mídia. Tais crianças, em sua maior parte, crescem sem valores sociais e coletivos, tornando-se adolescentes frustrados por não terem sua infância valorizada e sim totalmente focada em decorar conteúdos.

Assim, possuem uma alta capacidade intelectual, mas não possuem capacidade de desenvolver diversas áreas do pensamento, conseguem somente decorar, colocar formulas no papel e darem respostas já construídas. É importante ressaltar como a instituição influência na formação de valores tão importantes na vida das crianças. Nem sempre uma escola que se diz forte no sentido de cobrar muito do É importante ressaltar como a instituição influência na formação de valores tão importantes na vida das crianças.

Nem sempre uma escola que se diz forte no sentido de cobrar muito do aluno uma grande quantidade conteúdos, exercícios e livros são escolas que estarão contribuindo para construção de valores e formação de leitores. O importante não é a quantidade de conteúdo, e sim a forma como este conteúdo é passado para crianças, de uma forma prazerosa, ainda mais quando se trata de leitura e escrita, para que os alunos não se distanciem cada vez mais do ato de ler.

1-6 Recursos que podem contribuir no desenvolvimento do Pré-Leitor

A partir do primeiro momento em que a criança passa a ter contato com literatura, acreditamos que essa, possa explorar, no educando a aquisição que o leve a refletir sobre o conhecimento e, assim, realizar leituras de seu entorno social, no qual este conhecimento se faz cada vez mais necessário. No contexto atual, as nossas crianças certamente poderão conhecer as causas de tantos acontecimentos vividos diariamente através dos vários recursos literários existentes no universo infantil.

Nesse capítulo, portanto iremos abordar o público pré-leitor e o seu processo de desenvolvimento. Nessa fase inicial se caracteriza a ampliação da linguagem oral, e a identificação dos objetos através dos gestos e seus laços de afetividade. Por tanto queremos ressaltar o livro só imagem e o livro-brinquedo e a sua importância para demonstrar até que ponto vai à capacidade de uma criança nessa faixa etária. A forma explicitamente lúdica pode ser utilizada como facilitadora na aprendizagem através do reconhecimento destas imagens e objetos por crianças menores de três anos.

Esse assunto já está sendo discutido por diversos autores, e em nossa análise teremos como respaldo teórico as contribuições de alguns que reconhecem tal recurso como algo bastante relevante nesta proposta. Nessa citação, por exemplo, a autora esclarece o sentido principal dos livros só imagem. Segundo suas palavras.

Ao propormos esses livros sem textos estamos longe de negar o valor daqueles que o têm. A proposta consiste, quanto á praticidade, na elaboração de historias que seguem algumas diretrizes por nós estabelecidas. (Góis, 2003.p.66).

Dessa forma entendemos que a finalidade da proposta é contribuir para aquisição da linguagem dando-lhe atributos para posteriormente ingressar no mundo dos livros, da leitura e da escrita, ou seja, despertar o interesse da criança pela leitura nos primeiros anos de vida. Ressaltamos o incentivo dos pais e educadores como principais responsáveis em aproximar o pré-leitor da literatura infantil. Por isso a parceria entre ambos nesse momento é fundamental.

E o livro-brinquedo o que ele representa no mundo da criança nos seus primeiros anos de vida? Vemos que existe uma variedade de livros que têm atraído o publico infantil nos dias atuais, nesta perspectiva, as editoras estão sempre inovando quanto à maneira de produzir essas obras. Com intuito de criar cada vez mais livros com o formato, com a visualização que possam incentivar as crianças a ter interesse pela leitura.

Os livros chamados tradicionais são aqueles impressos em papel, esses, certamente, são feitos para despertar à atenção das crianças pelas cores e criatividade contidas nas suas ilustrações. É importante que a literatura infantil esteja sempre relacionando palavra e contexto, ou seja, a criança se interessa muito mais pela leitura quando esta envolve a ludicidade que é algo inerente ao universo infantil como afirma Góis:

Vimos demonstrando que o leitor se constrói quando consegue atribuir significado á palavra interagindo com o contexto. Que jogo pode ser mais estimulante do que ler jogando ou ler brincando? (Góis 2003, p. 114).

Ao longo da história podemos observar que algumas escolas têm tratado o caráter prazeroso de ler, por vezes, de forma bastante equivocada, necessitando uma análise bastante cuidadosa. Dessa forma, observa-se que um número significativo de escolas, no intuito de formar o futuro leitor, acaba se confundindo nessa tarefa e usa a literatura apenas para transmitir conhecimentos e reforçar conteúdos.

Assim, observa-se que a literatura ao invés de agregar crianças com interesse na leitura de livros infantis, acaba, por vezes, por afastá-las e formar leitores desinteressados e despreparados para exercer a atividade de leitores. Estas instituições

impõem o uso e a leitura de diversos livros que não estão de acordo com a faixa etária adequada.

Assim, a escola assume um papel de destaque e influência na formação dos pequenos leitores. Pois, é através da instituição, do seu incentivo, da sua forma pedagógica de atuação, que as crianças irão se interessar ou se afastar da literatura. Uma escola que possua um modelo pedagógico de ensino que atue diretamente em propostas relacionadas a incentivar a curiosidade e a vontade pela descoberta da leitura de uma forma lúdica e prazerosa, ao invés de cobrar do aluno conteúdos e fórmulas já prontas, precisa formar crianças habituadas e interessadas em livros.

O contato com este objeto cultural desde pequena faz com que a criança desenvolva suas habilidades e competências cada vez mais cedo. A importância da família também é fundamental no desenvolvimento do gosto pela leitura nas crianças. Pois quando o ambiente é favorável e incentivador ao uso de livros, as crianças passam a folhear e a manusear os livros desde pequenas, tornando-se um hábito prazeroso.

Os pais e familiares devem se despir de uma idéia tradicional que nada acrescenta à formação de leitores proficientes, que defende que uma escola só é boa quando aborda muitos conteúdos e exige de alunos uma grande quantidade de disciplinas. Esses responsáveis devem prestar atenção se a escola escolhida por eles está atuando diretamente na formação das crianças como sujeitos críticos, aproximando-os cada vez mais leitura.

Os cursos de formação de professores também são essenciais para modificar esse quadro de afastamento das crianças pela leitura. Estes em sua maioria não valorizam o uso da leitura como forma prazerosa, e descontraída. É importante que os educadores tenham a formação necessária e condições de estimular seus alunos pelo gosto da leitura.

Concluo, afirmando que a escola é o principalmente instrumento de formação, onde a criança possui a oportunidade de entrar em contato com a leitura. Entretanto, este contato não pode servir apenas para avaliar e transmitir conhecimento, como uma forma de obrigação. É importante que busquem alternativas que modifiquem esse quadro, utilizando a literatura não só como formadora de bons leitores, mas também como um cidadão de valor.

Capítulo 2

2 – Literatura infantil e escola: relatos de uma observação

Para enriquecer este trabalho de pesquisa, optei por complementá-lo com algumas observações da prática. Escolhi a Escola Marista São José - Barra, onde eu estou trabalhando atualmente na Educação Infantil (maternal II) como professora auxiliar. Essa escolha se deu também porque no decorrer deste ano tenho percebido um grande interesse das crianças por livros que contem linguagem verbal e visual ao mesmo tempo. No início do ano a professora regente apresentou para a turma o livro (*Ninoca*). Um livro para ler e brincar, segundo a autora Lucy Cousins.

Tal obra foi trabalhada no âmbito de uma sala de aula de uma escola contextualizada a seguir, a fim de que possa voltar à análise da obra. No ano de 1817 na França, que na época enfrentava uma crise no sistema educacional, nasceu em La Valla uma pequena sociedade religiosa e de cunho mariano, voltada em levar o ensino fundamental às crianças e jovens do interior. Essa sociedade foi nomeada, por seu fundador Marcelino Champagnat, como Irmãos Maristas das Escolas, em latim: "Fratres Maristæ Scholarum" (F.M.S.), contando com a dedicação de outros irmãos. A partir daí, os Maristas se expandem por toda a França e outros países, chegando no Brasil em 15 de outubro de 1897, na cidade de Congonhas do Campo em Minas Gerais e expandindo-se para outras regiões do país. O Colégio Marista São José - Barra foi inaugurado em Junho de 2011 e está situado na Avenida Imperatriz Leopoldina, nº 455-Barra da Tijuca Rio de Janeiro. O colégio ocupa uma área de 40 mil metros quadrados e está sob a Direção do Ir Pedro Jadir, Vice Diretora, Patrícia Patrício.

É uma escola que atende á classe média carioca e possui infra-estrutura de qualidade. A turma entrevistada foi maternal II. A faixa etária dessa turma é entre dois e três anos, no total de quinze crianças. Atualmente essa escola trabalha com Educação Infantil e Fundamental com a perspectiva de até 2014 estar incluindo o Ensino Médio. Conforto e comodidade são algumas das características que constam no perfil do colégio. São quinze salas de aula, bem amplas e todas equipadas com banheiros, armários, prateleiras, televisão, aparelho de som e ar condicionado.

Ainda podemos com espaços extras como ateliê do gosto, ateliê de artes, sala de musica, espaço multimidiático e brinquedoteca. As turmas de educação infantil todas trabalham com duas professoras em sala, uma titular e a auxiliar. As instalações

modernas e adequadas para uma Educação para a Era da Tecnologia, criando espaços de laboratório de além de instalar computadores em salas de aula e nos corredores para atender à necessidade de conexão de vida de hoje. Os espaços são tratados dentro de padrões estéticos agradáveis, em terreno amplo, onde foram plantadas muitas árvores,

Ainda podemos com espaços extras como ateliê do gosto, ateliê de artes, sala de musica, espaço multimidiático e brinquedoteca. As turmas de educação infantil todas trabalham com duas professoras em sala, uma titular e a auxiliar.

O Colégio Marista São José - Barra, participante uma de proposta educacional que se baseia em uma postura de permanente reflexão, com estudos das teorias educacionais clássicas e as teorias contemporâneas sobre a aprendizagem, tendo em vista as necessidades futuras da sociedade em que vão viver as novas gerações. Preparar para a vida em um mundo em permanente transformação é o lema que tem norteado o trabalho pedagógico dessa instituição de ensino. Sua Filosofia de Educação postula o crescimento integral do aluno. Sob a visão de uma educação comprometida com o desenvolvimento da capacidade de pensar do aluno e com a promoção dos valores éticos para toda a vida.

Há um projeto político pedagógico no qual toda prática da escola é desenvolvida com a proposta a ser trabalhada nos diferentes segmentos. Nesse projeto, o trabalho do Colégio Marista na educação infantil é privilegiar a prática lúdica, através das brincadeiras, tornando-se espontâneo e prazeroso o aprendizado. Os brinquedos são socializados e alegrias são compartilhadas. Além de ampliar e diversificar o espaço da brincadeira na vida das crianças e atenuar aspectos negativos da realidade atual: pouco espaço, tempo e oportunidade para brincar.

As crianças muito pequenas encontram um ambiente seguro e instigante, que promove o desenvolvimento físico, social, emocional, cognitivo e criativo. A escola oferece o espaço ideal para exercitarem sua inteligência, na exploração do mundo através dos sentidos e do movimento, para aprender a dividir e a conviver. Além de participarem de dramatizações, brincadeiras coletivas, canções, história clássicas entre outras. A Escola ainda oferece aulas extras como, ballet, yôga, judô, futebol, artes, inglês, entre outras atividades.

Voltando ao livro da *Ninoca*. Quero citar alguns livros-brinquedos que foram usados no decorrer deste ano letivo e que tanto chamaram a atenção das crianças. São eles: *A casinha de brincar da Ninoca*, *Feliz Natal*, *Ninoca*, *Ninoca vai á escola*, *Ninoca vai á fazenda*, *Ninoca vai brincar no parque*, *Ninoca vai dormir*, *O aniversario da*

Ninoca, O grande livro de palavras da Ninoca, O livro de surpresas da Ninoca, O sitio da Ninoca. e Ninoca vai nadar.

Sempre que chamávamos as crianças para ouvir uma história à preferência eram os livros da Ninoca. Nas minhas observações percebo que a linguagem verbal do livro da Ninoca é construída de acordo com a linguagem visual. Ou seja, o visual aparece em forma de brinquedo, e o verbal vai direcionado as crianças á brincadeira.

Exemplo do livro *Ninoca vai nadar*:

Ninoca vai nadar na picina

Primeiro tira o gorro azul e o cachecol'

Desabotoa o casaco vermelho

Desabotoa o casaquinho cinza

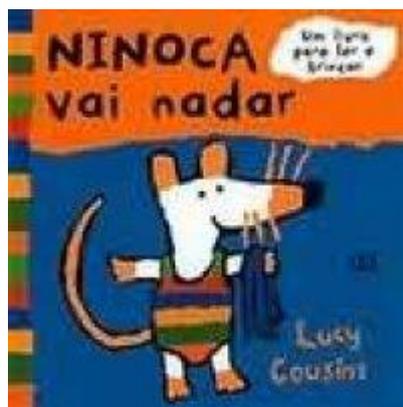
Tira as calças verdes

Tira a camiseta cor violeta e as meias amarelas

Tira a calcinha cor de laranja

E veste o maiô todo colorido

Ninoca vai nadar na piscina.



Ninoca vai nadar

Capa da Obra.

Toda narrativa do livro tem a finalidade de trabalhar com suporte que mistura um pouco de cada um desses elementos. “Ler e brincar” ao mesmo tempo. O gorro e o cachecol assim como todas as outras peças descritas vêm com muitos detalhes adicionais para brincar, porque trazem peças separadas para estimular a interatividade. Nesse sentido, podemos descrever como brinquedos, pois são construídas com dobraduras e puxadores, que se mexem, as crianças ficam encantadas com as surpresa e

o prazer em descobrir o que acontece quando elas puxam algo, o que pode render horas de entretenimento e alegria.

O livro é mais descritivo do que narrativo, pois os textos são de fato para chamar a atenção dos detalhes. São textos curtos propositalmente para que a criança possa estabelecer uma relação de espontaneidade com a leitura e viver uma experiência literária sem deixar de lado a brincadeira. Sendo essa uma das necessidades vitais da infância.

O livro *Ninoca* foi um incentivo, no ensino-aprendizagem das crianças no decorrer deste ano. Com ele conseguimos trabalhar as cores, pois o livro oferece essa possibilidade por ser bem colorido. Além disso, trabalhamos bastante o grafismo, pois todas as crianças queriam desenhar a Ninoca em seus trabalhos. Chegamos a produzir um vídeo sobre contação de histórias para apresentar aos pais no final do primeiro semestre no qual todas as crianças estavam envolvidas e atentas as surpresas que o livro oferece.

Conclusão

Para mim foi gratificante participar desta experiência em sala de aula. Pude conhecer e reconhecer características particulares do pré-leitor é necessário que tenhamos a consciência de que a criança é o principal agente e construtor do seu conhecimento e de sua própria identidade. O educador por sua vez pode facilitar, possibilitar e ampliar tais apropriações. Os educadores em sua prática, digo por mim em geral, sabem que o caminho que permite as relações inter-pessoais e a capacidade de entendimento da sociedade das crianças pode ser construído através da representação dramática.

O livro da Ninoca serviu como exemplo para reconhecermos a importância do ler e brincar ao mesmo tempo na primeira infância. Chegamos ao final deste ano de 2013 certos de que muitas representações foram construídas através das imagens e do texto de fácil entendimento, essas representações foram fundamentais no desenvolvimento intelectual das crianças. Vários momentos de leitura aconteceram de forma prazerosa, em um ambiente descontraído onde podemos acompanhar procedimentos considerados de grandes desafios para uma possível formação de crianças leitoras.

Como uma educadora infantil, concluo que a criança encontra um espaço fértil para lidar com a realidade cotidiana nas brincadeiras e tarefas presente em livros como este feito para brincar sem perder o foco do educar.

Referências Bibliográficas

ARIES, Philippe. *História social da criança e da família*. Rio de Janeiro: Zahar, 1981

AGUIAR, Vera Teixeira. *Era uma vez.. na escola – formando educadores para formar leitores*. Belo Horizonte: Editorial, 2001.

ABRAMOVICH, Fanny. *Literatura infantil: Gostosura e bobices*. 2 ed. São Paulo: Scipione, 1995.

ABRAMOVICH, Fanny. Apud Prado, Jason e Condini, Paulo. *A formação do sujeito como leitor: Pontos de vistas*. Rio de Janeiro: Argus, 1999.

COELHO, Nelly Novais; *Literatura Infantil: Teoria Análise Didática*. Edit. Moderna, 1º Ed. São Paulo 2000.

CASTRO Eliane Fernandes. *A importância da leitura infantil para o desenvolvimento da criança*. Disponível em, <http://meuartigo.brasilecola.com/>. Acesso em 004/12/2013.

CRAIDY, Carmem M. *A política de Educação Infantil no Brasil*. In. Simpósio Nacional de Educação Infantil, 1 Brasília, 1994. anais, p18-21.

DURKIN, D. *Children Who read early*. Nova York, Teachers College Press, Columbia University, 1966

Disponível em <http://pt.wikipedia.org/wiki/Marista>. Acesso em 03/ 11/ 2013.

FREIRE, Paulo. *A importância do ato de ler*. Em três artigos que se completam 48ª ed. São Paulo: Cortez, 2006.

GÓIS, Lúcia Pimentel, *Olhar de descoberta: proposta analítica de livros que concentram várias linguagens*. São Paulo: Paulinas 2003.

GALVÃO, Ana Maria de oliveira. *Leitura é algo que se transmite entre as gerações?*
In: RIBEIRO, Vera M. Letramento no Brasil. São Paulo: Global, 2003.

GERALDI, João Wanderley. *A aula como acontecimento*. Ed. Universidade de Aveiro. Maio, 2004. P 9-21.

LAJOLO, Marisa. *Do mundo da leitura para a leitura do mundo*. São Paulo: Ática, 1996.

MAGNANI, Maria do Rosário M. *Leitura, literatura e escola: Sobre a formação do gosto*. São Paulo, 2001.

PEREZ, Carmem Lúcia Vidal. *Com lápis de cor e varinha de condão... Um processo de aprendizagem da leitura e da escrita*. In: Garcia, Regina Leite. *Revisando a pré-escola*. São Paulo: Cortez, 1997.

SILVA, Rosa. Amélia (2011) *Compreender o ato de ler e praticar a leitura na vida e na escola* http://alb.com.br/arquivomorto/edicoes_antteriores/anais16/sem07pdf/sm07ss06_09.pdf, acessado em 05/12/2013.

SILVA, Ezequiel Theodoro. *De olhos abertos*. Rio de Janeiro: Ática, 1991.

TIRIBA, Lea: *CRIANÇAS, NATUREZA E EDUCAÇÃO INFANTIL*– PUC - Rio.
GT: *Educação de Crianças de 0 a 6 anos / n.07* Agência Financiadora: CAPES

TERZI, Sylvia Bueno. *A construção da leitura*. São Paulo: Pontes, 4 edição, 2006.

KLEIMAN Ângela e Moraes, Silva . *Leitura e interdisciplinaridade. Tecendo redes nos projetos da escola*. São Paulo: Mercado das letras, 2003 .

VARGAS, Suzana. *Leitura: Uma aprendizagem de prazer*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1993.

VILLARDI, Raquel. *Ensinar a gostar de ler: Discutindo estratégia para formação de leitores*. Tecnologia Educacional. Rio de Janeiro: V.26(142), 1998.

Villardi, Raquel. *Ensinando a gostar de ler e formando leitores para a vida inteira*. Rio de Janeiro: Dunya, 1997.

ZILBERMAN, Regina. *Como e por que ler: A literatura infantil Brasileira*. Editora Objetiva, Rio de Janeiro, 2005.

ZACCUR, Edwiges. *Conta outra vez: A construção da competência narrativa*. In: GARCIA, Regina Leite. *Revisando a pré escola*. São Paulo, 1997.

ZIRALDO. *Um país melhor é um país de leitores*. In: DAUSTER, Tânia e Garcia, Pedro Benjamin. *Teia de autores*. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.

ZILBERMAN, Regina; LOJOLO. M. *Literatura Infantil Brasileira: História e Histórias*. 6 ed. São Paulo: Ática, 1999.